

Personagens grotescos: paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe

Martinho Alves da Costa Junior¹

Luisa Pereira Vianna²

Resumo:

O artigo trata da relação entre a literatura, através de dois contos de Edgar Allan Poe, e a gravura de James Ensor. Partindo de um paralelo entre imagem e texto, refletimos como a característica do artista belga contribui para uma intensificação na representação dos personagens do escritor de forma grotesca. Como conseguinte, instaura na gravura um ambiente de terror e ferocidade muito maior do que outros artistas ilustradores de Allan Poe conceberam.

Palavras-chave: Literatura; Gravura; Edgar Allan Poe; James Ensor.

Abstract:

This paper approach the relation between literature, through two Edgar Allan Poe's tales and the James Ensor's engraving. Parting from the parallel between image and text, we reflect how the belgian artist contributes to an intensification in the representation of the writer's characters in a grotesque way. Thereafter, how the engraving creates an environment of terror and ferocity far greater than others Allan Poe's illustrators have conceived.

Keywords: Literature; Engraving; Edgar Allan Poe; James Ensor.

1

Professor de História da Arte do
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade Federal de Juiz de
Fora.

2

Mestranda do programa de
pós-graduação em História da
Universidade Federal de Juiz de Fora
com auxílio da bolsa de Monitoria
da UFJF. Orientada pelo Prof.º Dr.
Martinho da Costa Junior.



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luísa Pereira Vianna

Este artigo está centrado em duas imagens do artista belga James Ensor (1860-1949). *Rei Peste* (1895) e *Hop-Frog* (1898). Elas se unem não apenas pelo fato de serem do mesmo artista, mas também por ambas serem inspiradas da literatura de Edgar Allan Poe (1809-1849).

Ensor é visto de diversos modos. Atuante entre o final do século XIX e na primeira metade do século XX, foi partícipe dos movimentos próximos a ele sem claramente aderir a nenhum. Contudo, certo é a forma recorrente, apesar de não ser a única, de ver seu trabalho pautado na abordagem de temas fantásticos, irônicos e sarcásticos. O uso constante de máscaras carnavalescas, extraídas do folclore de seu país, acentuam em seus diversos personagens características grotescas. Não é, portanto, distante a lembrança, por vezes estabelecida na comparação a artistas como Hieronymus Bosch (c. 1450 – 1516) e Pieter Brueghel (1525/30 – 1569).

Para J. Van Lerberghe: “A liberdade da interpretação plástica e a soberania da fantasia na obra de Ensor abrem uma nova via para a arte belga”. Dado interessante e talvez não exagerado. Entre seus pares, mesmo em sintonia na mesma época, como Constant Permeke ou Fritz van den Berghe, Ensor teve importância particular para aquele ambiente cultural. (LERBERGHE, 1969, p.12)

A figura de Edgar Allan Poe se mantém na cultura ocidental desde o século XIX. Escreve Charles Baudelaire (1821-1867), “Como poeta, Poe é um homem à parte. Representa quase que sozinho o movimento romântico do outro lado do oceano” (*apud* HELOISA, 2017, p. 27). Seus escritos abordam dramas e devaneios tão distantes e ao mesmo tempo tão presentes em nós que justificam a sua constância nas diversas produções cinematográficas, literárias, e, em especial, nas artes plásticas. Sua popularidade, segundo Marcia Heloisa (2017, p. 18) está circunscrita na palavra “identificação”³.

Não seria possível neste espaço analisar de forma cabal toda a produção que circunda obras que mantém como ponto inicial os escritos de Poe. Contudo, vale indicar que seus contos foram ilustrados, ou inspiraram obras, por diferentes artistas, como Édouard Manet (1832-1883), Gustave Doré (1832-1883), Arthur Rackham (1867-1939), Aubrey Beardsley (1872-1898), entre tanto outros. Os contos de Allan Poe suscitam em especial o artista belga que insere, nos personagens do escritor americano, uma intensa ferocidade.

3

Sobre a questão da identificação Marcia Heloisa afirma: “A obra de Poe – como boa literatura – não tem sexo, geografia, idade ou nacionalidade. Ou melhor: abarca todos esses elementos. Os seus dramas e devaneios são inteiramente cambiáveis com os nossos.”



Tanto *Rei Peste* (1895)⁴ quanto *A vingança de Hop-Frog* (1898) se aproximam de diversas maneiras. Começando pela narrativa de Poe, ambas as histórias retratam um regime monárquico cuja visão egocêntrica e ditatorial dos reis incomoda tanto os personagens principais, que estes buscam alguma forma de retaliação contra o representante do trono.

Em *Rei Peste* esse poder está centrado em Rei Peste I, que em seu domínio absoluto porta-se quase como a figura de Hades, deus do submundo. O Rei presidia uma assembleia no salão funerário quando fora interrompido por dois marinheiros bêbados, Legs e Hugh Tarpaulin. Os marujos riram e zombaram de toda a situação grotesca e irreal que passavam por seus olhos: “[...] alto lá um momento, repito, e dissei-nos quem diabos sois todos vós, e que assuntos tendes aqui, aparelhados como os demônios em peles de cracas [...]” (POE, 2012, p. 399).

Troçaram de Peste I e sua corte de tal forma que como castigo foram condenados ao afogamento em tonéis de cerveja. Naturalmente pela rebeldia aparente dos dois marinheiros essa sentença não foi aceita e muito menos cumprida.

Em *A vingança de Hop-Frog*, a retaliação foi por intermédio do anão e bobo da corte cujo nome é evidenciado no título. Cansado do humor sádico e tirano do Rei, o estopim da docilidade do personagem foi assistir o monarca agredir e jogar vinho na sua amiga, a anã Trippetta, quando esta tentou defendê-lo. A ideia de Frog foi realizar o jogo “os oito orangotangos encadeados”. A ideia da brincadeira era o rei e seus sete ministros fantasiarem-se de macacos e, presos em correntes, iriam assustar as pessoas no baile real de máscaras. O monarca, que apreciava uma diversão, aceitou de bom grado executar o plano. Entretanto, ele e seus sete secretários não desconfiavam das reais intenções no plano do anão vingativo. Hop-Frog suspendeu os oito orangotangos no ar e, presos pelas correntes, ateou fogo em todos eles sem pena. Nas últimas palavras, o Frog despede-se e some pelo teto do castelo:

Agora — disse ele — vejo distintamente de que espécie são estes mascarados. Vejo um grande rei e os seus sete conselheiros privados; um rei que não tem escrúpulos em bater numa moça sem defesa, e os seus sete conselheiros que o encorajam na sua atrocidade. Quanto a mim, sou simplesmente Hop-Frog o bufão — e esta é a minha última bufoneria! (POE, 2018)

4

Duas gravuras de James Ensor, *Rei Peste* (1895) e *Os insetos singulares* (1888), fazem parte da coleção do Museu de Arte Murilo Mendes. As duas obras dentro desse acervo constituem o objeto de pesquisa da dissertação de mestrado da autora Luisa Vianna, que está em andamento.



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna



Figura 01. James Ensor. **Rei Peste**, 1895. Gravura em água forte. 9,6 x 11,5 cm.
Museu de Arte Murilo Mendes, Juiz de Fora – MG, Brasil.



Figura 02. James Ensor. **A vingança de Hop-Frog**, 1898. Gravura em água forte.
35,4 x 24,5 cm. The Museum of Modern Art (MoMA), Manhattan, Nova York.

Para a reprodução de uma cena com base em um texto literário, em suma é escolhido o ponto chave da narrativa. Aquele que gera maior impacto, designando o ápice da história. Como podemos notar, os momentos

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna

selecionados por James Ensor partem dessa premissa em ambas as narrativas. Em *Rei Peste* a aventura de Legs e Hugh Taurpaulin começa de modo comum:

Por volta da meia-noite, certa noite do mês de outubro, e durante o cavalheiresco reinado do terceiro Eduardo, dois marinheiros pertencentes à tripulação do *Free and Easy*, uma escuna mercante que trafegava entre Sluys e o Tâmis, e então ancorada neste rio, sentavam-se muito perplexos no interior de uma cervejaria na paróquia de St. Andrew, Londres – cervejaria cuja placa era o retrato de um “Alegre Lobo do Mar”. (POE, 2012, p. 391)

Dois amigos sentados em uma cervejaria é uma cena tão cotidiana que não poderíamos imaginar o que nos aguarda nas páginas seguintes. Quando Legs e Hugh resolvem ter a primeira ação, justificada pela falta de dinheiro após consumir a bebida do estabelecimento, a narrativa começa a mudar gradativamente até tomar outra forma. Fugiram da cervejaria, pularam a parte da cidade que havia sido interdita, e caminharam por ali sob a carcaça de inúmeros saqueadores noturnos, que, como eles, um dia se aventuraram no terreno pestilento.

Como se todo aquele ambiente não fosse estranho o bastante, e tendo o aviso de que aquela situação de alguma forma não acabaria bem, uma vez que os corpos apodrecidos indicavam isso, Legs e Taurpaulin, nem um pouco intimidados, resolveram seguir em direção aos “gritos selvagens, derrisórios, diabólicos.” (POE, 2012, p. 394). A grande surpresa foi quando encontraram em um salão funerário uma mesa contendo seis integrantes da assembleia de Rei Peste I.

Os dois marinheiros [Figura 01], que permanecem no canto da imagem, estão tão abobalhados quanto nós ao olhar para a cena; um agachado assiste atentamente o banquete, em seu rosto um sorriso aparenta escapar. O segundo, à esquerda, se encosta no batente. Assiste a cena cansado e olha com certo desinteresse. Com a boca aberta parece não acreditar no esqueleto pendurado no alto, cujo crânio é aceso e feito de lamparina. Mais tarde, é revelado no conto que tal esqueleto é Will Wimble, o agente funerário dono do estabelecimento onde reside a reunião de Rei Peste. Podemos supor ou que a carcaça de Wimble já estava ali quando a corte pestilenta se instaura no lugar, ou que com o domínio da oficina funerária, Will tenha sido morto pelo monarca.



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna

A mesa redonda é cercada por seis personagens que nada tem de humano. A julgar pela fisionomia, todos utilizam máscaras bizarras e peculiares. O artista parece levar a risca as palavras de Poe, especialmente em “cada um deles parecia deter o monopólio de alguma porção particular de fisionomia.” (POE, 2012, p. 396). Devido o enorme arranjo de plumas funerárias sobre a cabeça, Rei Peste I é o que guia nossos olhos. Seguindo para a esquerda, na outra ponta da mesa, a Rainha Peste. De rufo no pescoço, rosto redondo e sorriso extremamente largo. O restante dos membros da mesa continua na mesma linha de estranheza: uma mulher nariguda de rosto fino, um cara dentro de um caixão, um senhor magrelo e um homem rechonchudo.

Comparada a outras ilustrações de Rei Peste, a gravura de Ensor sempre mostra personagens grotescos que são, sobretudo, terrenos. Como no caso da relação com Harry Clarke (1889-1931), artista irlandês que ilustrou o livro de Poe *Contos de Imaginação e Mistério* em 1919. Os personagens aparecem mais etéreos, levitam fora de um mundo sensível e reconhecível.



Figura 03. Harry Clarke. **Rei Peste**, 1919. Ilustração feita para o livro *Contos de Imaginação e Mistério* de Edgar Allan Poe. Publicado pela editora Harrap em Londres em 1919.

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luísa Pereira Vianna

Clark é mais decorativo, como as faixas que escorrem do corpo das mulheres e chegam até a borda inferior da obra fazendo sinuosas voltas. Um aspecto muito próximo do artista inglês Aubrey Beardsley. O tratamento dos personagens de James Ensor é pautado pela caracterização do ridículo, enquanto Harry Clarke está concentrado na construção corporal humana e figuras mais estáticas.

Outro artista que ilustrou o conto de Edgar Allan Poe foi o russo Ilyas Phaizulline (1950), que também optou por recriar a chegada dos marujos na assembleia em *Memória de Edgar Poe: Rei Peste* (1999)⁵.

Phaizulline preferiu manter a forma esquelética em quase todos os personagens. *Rei Peste*, sentado de costas para o observador, só se destaca por estar segurando o fêmur humano. Das três ilustrações, podemos sugerir que a sua seja a mais “crua”, no sentido de que seus personagens são bem mais limpos e livres de adereços. Parece que o artista russo seguiu a tradição da dança macabra, onde o esqueleto aparece por si só sem qualquer ornamento.

A parte da narrativa escolhida pelos artistas foi praticamente a mesma, o que sugere um dos ápices da história. Entretanto, cada obra possui sua individualidade. Como, por exemplo, o ângulo a ser utilizado em cada cena.

Ensor [Figura 01] e Phaizulline trabalham a ação de chegada de Legs e Taurpaulin, quando eles ainda estão parados na porta sem compreender o certo o que vêem. Clarke [Figura 03] reproduz os acontecimentos minutos depois, quando os dois marujos já entraram no local e começam a interagir com a corte pestilenta.

É notório que todos os três artistas mantiveram algumas das características descritas por Allan Poe no conto:

[...] No meio do aposento havia uma mesa – em cujo centro via-se ainda uma imensa cuba do que parecia ser ponche. [...] Em torno dela, sentados sobre catafalcos, havia um grupo de seis pessoas. [...] Acima ficava suspenso um esqueleto humano, pendurado por uma corda amarrada a uma das pernas e presa a uma argola no teto. A outra perna, livre de qualquer peia, projetava-se do corpo em ângulo reto, levando toda a ossada solta e chocalhante a

5

PHAIZULLINE, Ilyas. *Memória de Edgar Poe: Rei Peste*, 1999, 1 original de arte, óleo sobre tela, 89 x 87 cm. Disponível em: <http://www.russianartgallery.com/Ilyas-Phaizulline/E--Poe--King-Plague/>



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna

balançar e girar ao sabor de qualquer ocasional sopro de vento que porventura invadisse o ambiente. No crânio dessa coisa hedionda havia um punhado de carvão em brasa que lançava uma luz indecisa mas vívida sobre toda a cena. (POE, 2012, p. 395-398)

As figuras bizarras também participam da história de Hop-Frog [Figura 02]. Por ser uma festa a fantasia, os personagens caracterizados estão mais esquisitos do que nunca. Longe de parecer só uma roupa, a fantasia parece *ser* a pessoa.

A vingança de Hop-Frog é uma história que trata da revanche dos humilhados. Ele e sua amiga Trippetta, raptados da sua terra pelo rei tirano e sádico, decidem castigar o monarca e seus sete ministros por todo o mal que haviam feito a eles. Frog permanece submisso ao soberano até que a agressão que fizeram a Trippetta torna-se a gota d'água. Depois disso, de forma fria e calculista, o anão começa elaborar a sua vingança assustadora.

Assim como em *Rei Peste* no qual marinheiros estavam sob o efeito da cerveja, em *A vingança de Hop-Frog* o anão calculou toda a sua revanche depois de estar sob o poder do vinho.

Pobre rapaz! Os seus amplos olhos mais faiscavam do que brilhavam, pois o efeito do vinho sobre o seu excitante cérebro era tão poderoso quão instantâneo. Ele colocou nervosamente a taça sobre a mesa e com um olhar fixo e quase louco percorreu a assistência. Todos pareciam divertir-se prodigiosamente com a farsa real. (POE, 2018)

Aqui, o momento escolhido para a reprodução da imagem foi o final da história de Allan Poe, que é a ação mais esperada da narrativa e também a mais arrepiante. O final, de forma inquietante, deixa-nos em um lugar de desconforto, e James Ensor reproduz em sua gravura este local da aflição.

Porém, o Hop-Frog de James Ensor não parece ter as características ressaltadas por Allan Poe no conto. Era considerado pelo rei um "triplo tesouro" que, além da profissão de bufão, era um anão e coxo. Ensor parece não relevar nenhum desses atributos, dando a fisionomia de Hop-Frog próxima a de um diabrete que se equipara a figura de *O Pesadelo* [fig. 05] do artista Henry Fuseli (1741-1825).



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna



Figura 04. James Ensor. **A vingança de Hop-Frog**, 1898.
Detalhe da obra [Figura 02].



Figura 05. Henry Fuseli. **O Pesadelo**, 1781. Óleo sobre tela. 1,02x1,27 m.
Detroit Institute of Arts, Estados Unidos. Detalhe da obra.

Intriga notar que em ambas as imagens, o pequeno demônio aparece acima dos corpos. O diabrete de Fuseli [Figura 05] está sentado sob ventre de

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna

uma mulher que tem uma parte do tronco posicionado para fora da cama. A cabeça está suspensa e a mão esquerda chega a tocar levemente o chão do quarto em que se encontra. Se não fosse pelo título indicar que ela está presa em um pesadelo, poderíamos sugerir que a moça, na verdade, está morta.

Da mesma maneira, o anão diabrete [Figura 04] mantém-se por cima dos corpos também quase mortos pelo fogo. Hop-Frog acaba por tornar-se o pior *pesadelo* do rei e de seus sete ministros.

Outro elemento importante na gravura de Hop-Frog é o local onde James Ensor decide assinar. O artista coloca a sua identificação na faixa que é portada por um personagem que está de costas no centro da imagem, como forma de dar destaque ao seu nome.



Figura 06. James Ensor. **A vingança de Hop-Frog**, 1898.
Detalhe da obra [Figura 02].

É interessante notar que a utilização desse tipo de faixa por cima da roupa denota um cargo importante ou algum destaque que é geralmente reconhecido por um sistema de leis. Porém, à medida que o dono dessa faixa se encontra em um baile a fantasia, esse sistema é dissolvido de tal

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luísa Pereira Vianna

forma que qualquer um pode assumir o lugar de destaque. Afinal, um baile a fantasia é o espaço ideal para todos serem o que querem ser.

No momento que Ensor coloca sua assinatura na imagem, ela já não é tão somente uma escrita, mas passa a fazer parte do desenho, compondo a cena. Irônico, como em várias outras de suas obras, podemos supor que o artista belga brinca com esse personagem de costas, como se ele dissesse ao observador: "Eu estava lá quando essa cena aconteceu." ou "É a minha versão da cena".

As duas gravuras de James Ensor estabelecem paridades com as formas geométricas triangulares e circulares. Aquilo estabelecido por Kandinsky (1987, p.13), respectivamente como ativo e passivo⁶.

Em ambas as gravuras, o triângulo é criado a partir do lustre humano e da fumaça que paira no ar. Em *Rei Peste* [Figura 01] um esqueleto está pendurado sob uma única perna – o que enaltece um caráter irônico na imagem. A estrutura é similar a de *Hop-Frog* [Figura 02], que tem os corpos de oito orangotangos suspensos. A ponta do triângulo cria uma força descendente para o movimento circular retratada pela mesa [Figura 01] ou pela abertura no grupo de pessoas no salão [Figura 02].

Ambas as cenas são fechadas. Não há a quebra da quarta parede. O que afasta o observador da ação, deixando-o em estado passivo. Embora em *Rei Peste*, o espaço além de fechado é claustrofóbico, de alguma forma o espectador experimenta aquele lugar, em *Hop-Frog* o espaço denota maior amplitude e profundidade

A sensação poderia ser causada pela construção da imagem de forma que os personagens de costas criam um muro entre aquele que visualiza a cena e o que acontece nela. Mas em ambos os casos é possível ver frestas lugares nos quais o espectador se encontra. Em *Hop-Frog*, na direita entre uma e outra figura uma abertura nos leva ao centro daquele círculo, assim como em *Rei Peste*. O banquete posto, os personagens enumerados, e o espectador um pouco atrás, espécie de coxia, tem uma visão privilegiada da cena, à parte.

O artista Max Schenke (1891-1957) mantém em sua obra uma estrutura parecida com aquela de James Ensor, a semelhança na composição das obras é flagrante.

6

Kandinsky afirma que o desenho tem três elementos antinômicos definidos por linha reta e curva; cor amarelo e azul; plano triângulo (ativo) e círculo (passivo).



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luísa Pereira Vianna



Figura 07. Max Schenke. A vingança de Hop-Frog [**Frosch Hüpfer**], 1919.
1 desenho. Ilustração do conto de Edgar Allan Poe para a revista *Der Orchideengarten*, folheto 10.

A forma circular no solo, assim como Ensor, permanece em Schenke. Porém, a composição triangular da [Figura 02] é substituída na [Figura 07] por uma espécie de pêndulo cuja força no chão é centrífuga. Os corpos dos oito orangotangos estão murchos, sem vida, como um conjunto de peles desossadas em Max. As pernas esticadas e unidas como em um só bloco formam uma linha que aponta para o centro do círculo. Dando um caráter de peso a esse lustre humano que, comparado a gravura de James Ensor os oito macacos [Figura 02] pairam no ar apesar da gravidade atuante. Pelo estado do corpo [Figura 07] parece que os personagens já estão mortos. Provavelmente por enforcamento. Não se debatem como na [Figura 02]. Ao certificar que os corpos estão inertes e a tocha nas mãos de Hop-Frog, a plateia de Schenke é dominada pelo pânico. Todos estão prontos para partir em retirada, com medo do que possa acontecer a eles.

A cena de Ensor é mais atroz. Hop-Frog já ateou fogo nos oito orangotangos, que vivos se debatem contra as correntes e para se livrar das

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna

chamas. Um já caiu na arena. Queimado só lhe restou o esqueleto no chão. Isso não foi o suficiente para assustar a plateia, que permanece parada no lugar para ver até o final naquele show de horrores. Aqui está uma visão particular do humano sob os olhos de Ensor. Tão doentes e sádicos quanto o próprio Rei, o queimar dos corpos não assustam os espectadores como no caso da imagem de Schenke.

Essa ideia reitera uma diferença marcante nas apresentações em ambas obras da multidão. Ela reage de modo diverso também. A horda de mascarados na imagem de Ensor permanece inerte e feliz, não se incomoda com o que vê, parece, ao contrário se divertir com a cena. Ou antes, saturada, busca sentir algo em vão neste espetáculo sombrio. Em Schenke, são sensíveis ao horror, saem daquele lugar, abrem o espaço vazio na parte central da composição, o movimento é centrífugo.

Os personagens que aparecem nas gravuras do artista inglês Arthur Rackham (1867-1939), também são propensos ao horror que é a queima de corpos.



Figura 08 - Arthur Rackham. ***In less than half a minute the whole eight were brazing and imagination***, 1935. 1 desenho, 22,86 x 15,24 cm. Ilustração do livro Poe's Tales of Mistery and Imagination, de Edgar Allan Poe.

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna



Figura 09 - Arthur Rackham. **The eight corpses swung in their chains, a fetid blackened, hideous, and indistinguishable mass**, 1935. 1 desenho, 22,86 x 15,24 cm. Ilustração do livro *Poe's Tales of Mystery and Imagination*, de Edgar Allan Poe.

O artista optou pela sequência de imagens [Figura 08 e 09], mostrando o antes, quando Frog está envolvido da ação de queimar os corpos, e o depois, onde o anão já havia partido e apenas os cadáveres pendurados haviam sobrado. A energia e movimentação na obra de Rackman são fortes e dramáticas. A bestialidade do homem se mantém, seja no horror ou na naturalização deste por meio dos personagens ávida por entretenimento.

Rackham não manteve a mesma estrutura de imagem que Ensor e Schenke. O artista escolheu trabalhar por um ângulo diferente. Na ilustração dele não vemos o círculo formado por uma plateia curiosa. Ao contrário, a ênfase dele está mais no detalhe dos corpos pendurados pelas correntes. Vemos com muito mais clareza o resultado da vingança de Frog, do que nas imagens anteriores.

O artista inglês manteve, no canto inferior da imagem, uma linha de pessoas que mostra da reação da cena. Os dois personagens que estão nos extremos opostos da imagem podem servir de resumo. Ambos com a boca

Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luísa Pereira Vianna

aberta indicando um grito de horror. O da esquerda coloca as costas das mãos nos olhos para não ver os corpos pendurados, e a moça a direita da cena, com os braços levantados, prepara-se para correr.

Podemos ver que, assim como em Schenke, a plateia de Rackham também é suscetível ao desespero quando se dão conta do que está acontecendo.

É necessário dizer que os personagens de James Ensor parecem estar constantemente dentro de um baile de máscaras promovido pelo príncipe Próspero em *O baile da Morte Vermelha*⁷.

[...] também fora seu gosto que imprimira personalidade aos mascarados. Eram decerto grotescos. Havia uma profusão de esplendor, euforia e sustos [...] Figuras arabescas com membros e adereços trocados. Loucuras delirantes somente concebidas por mentes insensatas. Havia muita beleza, folguedo e bizarrice, um toque tenebroso e muito do que poderia provocar repulsa. [...] Uma multidão de sonhos. E estes – os sonhos – contorciam-se dentro e fora dos cômodos, matirizados por suas cores, parecendo ecoar em seus passos a louca música da orquestra. (POE, 2017, p. 78)

Ao tratar do artista belga, a multidão de sonhos algumas vezes parece estar dentro de um pesadelo, principalmente se o suporte da imagem for a gravura. O ar sombrio é destacado pelos tons escuros e os traços nervosos do pintor, que parece aumentar a perversidade de seus personagens. Diferentemente da pintura a óleo, que Ensor oscila entre cores claras dando uma característica mais burlesca do que propriamente cruel.

Para Ensor as máscaras são as pessoas, e não apenas um adereço. O rosto que vemos, é aquilo que exatamente expressado dentro do íntimo. Ao retirá-la do personagem, ocorreria de não abrigar em seu interior “nenhuma forma tangível” (POE, 2017, p. 81) porque não há nada atrás dela, a não ser a própria essência do personagem.

A violência não assusta, ao contrário, fascina, uma descrença no mundo dos mascarados que tem como projeção o mundo real. O autor de *Les cuisiniers dangereux*⁸ parece imprimir seu característico sarcasmo na descrença da realidade, desalmado, sem rosto e complacente.

7

O príncipe Próspero é um personagem do conto *O baile da Morte Vermelha*, escrito por Edgar Allan Poe e publicado em 1842.

8

James Ensor, *Les cuisiniers dangereux*, 1896. Óleo sobre madeira 38 x 46 cm. Coleção particular.



A partir desse ponto, é compreensível que as ilustrações de James Ensor dos contos de Edgar Allan Poe evidenciem o caráter de terror em demasia. O mundo do escritor é tão crítico quanto o do artista, e este encontra dentro das histórias uma ponte para aflorar seus processos criativos e seu descontentamento com o mundo e a humanidade.

Essa relação estreita e esse terror são marcas da extensa obra de Ensor, a força e a vibração passam por essas características. Elas refletem de algum modo que “a assombrosa paleta de Ensor e as suas invenções formais combinam-se com a ironia para o retirar do âmbito dos estereótipos contemporâneos” (GIBSON, 2006, 102).

Ensor estabelece os males e as faltas humanas, e enfrenta a estrutura política que rege a sociedade a partir de elementos compreendidos por ele da obra de Poe. Seja na zombaria de um Rei Peste que se apresenta quase como Hades, seja na vingança de um Hop-Frog humilhado por um Rei tirano e sádico. Suas gravuras transformam-se em um enorme desacato a raça humana, que é por vezes egoísta, corrupta e perversa tal qual os seus personagens o são.

Referências Bibliográficas:

FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO. *James Ensor: um visionário em preto-e-branco*. São Paulo: Museu de Arte Brasileira, 2005.

GIBSON, Michael. *Simbolismo*. Trad. Port. Paula Reis. Lisboa: Taschen, 2006.

KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco: configuração na pintura e na literatura*. Trad. Port. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto, linha, plano*. Trad. José Eduardo Rodil. Martins Fontes: São Paulo, 1987.

MALORNY, Ulrike Becks. *James Ensor 1860-1949: As máscaras, o mar e a morte*. Trad. Port. Alexandre Correia. Colônia: Taschen, 2000.

POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe: Medo Clássico Vol.1*. Trad. Marcia Heloisa Amarante Golçalves. Rio de Janeiro: DarkSide, 2017.



Personagens grotescos:
paralelos entre James Ensor e Edgar Allan Poe
Martinho Alves da Costa Junior
Luisa Pereira Vianna

POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. Trad. Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

POE, Edgar Allan. *A vingança de Hop-Frog*. Disponível em: <<http://www.poeteiro.com/2016/09/hop-frog-conto-de-edgar-allan-poe.html>>. Acesso em: 08 out. 2018.

VAN LERBERGHE. *L'art em Belgique: XX e Siècle. De J. Ensor à C. Permeke*. Bruxelles: Cultura: 1969.